

AMBIENTE E VIDA NA CIDADE

Cássio Eduardo Viana **Hissa**

O ambiente: distâncias clássicas

O conceito de ambiente não resulta de um investimento teórico recente, e a literatura que aborda **as** temáticas de caráter ambiental, de algum modo, desenvolveu imagens que, em muitas circunstâncias, simplificam esse conceito. Isso significa que grande parte dessa literatura, a despeito **da** sua expansão e diversificação, ainda aborda de modo bastante simplificado o conceito de ambiente. Muitas dessas abordagens, por sua vez, constituem um conjunto que, aqui, é apresentado como a versão conceitual clássica de ambiente.

Clássico, adjetivo, tal como aqui empregado, assume o significado de modelador, por algumas razões. Determinadas posturas teóricas podem ser assim compreendidas, pelo fato de terem sido legitimadas por autores paradigmáticos, por exemplo. Obras e autores paradigmáticos, abordagens teóricas usuais que a eles se associam, definem a condição do que é clássico, também, através **da** estruturação de modelos e de valores idealizados. Modelos orientam **as** posturas, conduzem **as performances** e definem a freqüência e a rotina das atitudes. Outro significado de clássico, que aqui também se aplica, diz respeito àquilo que se reproduz, cotidianamente, e fundamenta a tradição. Uma abordagem clássica serviria, portanto, em princípio, como ideal de

referência, como modelo a ser reproduzido através do habitual e do costumeiro. A reflexão conceitual acerca do ambiente já fornece contornos bem delineados através de interpretações que já se tornam clássicas. São referendadas por obras e autores paradigmáticos, são legitimadas por abordagens habituais à problemática ambiental, são tradicionalmente ou usualmente incorporadas como referências de diversos estudos que focalizam a temática ambiental.

O conceito clássico de ambiente representa os valores **da** sociedade que o constrói e o reproduz. O conceito que emana de uma sociedade cumpre, também, papéis de uma representação dessa mesma sociedade. Feito **da** distância que separa o homem das coisas, do mundo físico-biológico, dos outros homens, o conceito tradicional de ambiente se define como uma legítima representação **da** cultura ocidental, moderna, contraditória, fraturada.

Repleto **da** lógica cultural que lhe dá origem, esse conceito de ambiente pode ser rapidamente apresentado e discutido. Ambiente, conforme **as** interpretações clássicas, é o que circunda os seres e os objetos — assim como suas relações —, influenciando, por um lado, a sua natureza e um conjunto de comportamentos e experimentando, por outro, a influência desses mesmos seres, objetos e de suas relações.

Haveria, portanto, uma troca, de natureza complexa, entre seres, objetos e o seu ambiente. Seres e objetos seriam influenciados pelo seu ambiente que, por sua vez, experimentaria um movimento reativo. A intensidade e a densidade das trocas estariam subordinadas à diversidade do meio e à complexidade das relações estabelecidas. A imagem dessa troca, entre o ambiente e o mundo que ele envolve, é produto **da** lógica que o concebe. Entretanto, **as** abordagens clássicas, por apenas sublinhar a natureza complexa das referidas trocas e relações, não ultrapassam a burocrática menção à complexidade.

Define-se, tradicionalmente, o ambiente como aquilo que a todos rodeia, circunda, envolve. Feito de matérias diversas, corpos, objetos e movimentos, o ambiente condiciona — em muitas circunstâncias, interpreta-se que até mesmo determina — comportamentos, valores e atitudes. Assim, sob a referência de uma determinada lógica estruturante do pensamento, diz-se que o homem e **as** coletividades são, também, produto **da** interferência do meio que os circunda. O que pensar sobre isso?

O homem é produto do meio. Trata-se, essa, de uma observação que já parece carregar o incontestável. **As** sociedades são produto **da**

sua cultura que, por sua vez, é também compreendida como um meio estruturante que condiciona ou determina comportamentos individuais. É o que se pode pensar, em princípio. Entretanto, a imagem do meio que interfere pode ser desdobrada. Ela reflete o próprio pensamento moderno: o meio que circunda é compreendido como algo exterior ao *eu* e a tudo que parece envolver. Como uma camada exterior aos objetos e seres, o ambiente influencia o que por ele é circundado: trata-se, esse, do discurso científico-burocrático, também presente no conceito tradicional. Contudo, a essência **da** tradição define muito mais os traços **da** fratura: para que possa haver a troca e **as** influências recíprocas envolvendo sociedade e natureza, por exemplo, é preciso que se admita a distância que os separa. A distância, nesses termos, seria a condição **da** troca, o pressuposto **da** existência, de um lado, de seres e de objetos e, de outro, daquilo que os recobre como manto.

A lógica que organiza tal pensamento encaminha, portanto, a imagem de que o ambiente não seja feito **da** matéria e dos movimentos de que são constituídos os seres e objetos. Exterior, portanto, ao mundo que envolve, o ambiente experimenta a ação dos seres e dos objetos que circunda. Entretanto, parece ser feito de uma matéria alheia ao mundo que recobre como película, tecido, pelo acaso, para ser o que é. Pelo oposto, se não é tecido pelo acaso, do conceito tradicional de ambiente emerge a imagem **da** matéria fabricada **da** artificialidade — feita de substâncias, moléculas e átomos desconhecidos — o que concede origem a uma campânula planetária a proteger a vida. Ambiente: ensimesmado, como uma redoma a ser protegida.¹

Há que se lembrar que o ambiente é feito de uma biologia, de uma química, de uma física que ultrapassam **as** fronteiras do conhecimento organizado pela lógica estruturante do pensamento que encaminha o conceito.² O pensamento moderno já incorporou riqueza e sofisticações. Contudo, a despeito disso, há mais *vida complexa* no que se denomina ambiente do que a capacidade de estruturar o conceito pelos caminhos disciplinares **da** ciência moderna.³ Muito dessa *vida complexa* parece escapar do foco restrito das estruturas do pensamento moderno.⁴ Trata-se, muitas vezes, de uma vida — interior, invisível, de natureza plástica e etérea, híbrida —, que, repleta de movimentos simultâneos, estimulados pelo acaso e desenhando a imagem de caos, reclama, para a sua representação ou interpretação, pela invenção de adjetivos, qualificações, metáforas, além de desafiar a ingênua definição objetiva.

Dante das definições clássicas, uma interrogação procura a organização mais sistemática do conceito, como se tomasse o lugar **da** primeira possibilidade de síntese argumentativa: se o ambiente é o que *rodeia* a todos, seres e objetos, ele é algo *fora do eu*? A lógica que edifica essa imagem de ambiente é a mesma que conduz **as** sociedades no sentido **da** sua apropriação. Nesses termos, tal lógica é **da** mesma ordem que define a relação de pertencimento: exterior ao homem, o ambiente não pertenceria ao mundo que ele envolve através de sua cobertura, sempre enaltecida como complexa, supostamente de natureza estrangeira. Conforme **as** referências convencionais, é sempre algo *fora do eu*, exterior ao mundo que circunda e rodeia. Nesses termos, o ambiente, ainda que feito do *eu* (de *nós*), é sempre o *outro*, estrangeiro, exterior, o que desafia, com condicionantes e determinismos, com adjetivos que se sobrepõem — multiplicando dúvidas e problemas — e com a sua natureza feita de uma substância que estimula movimentos: ora na direção de sua proteção, ora na direção **da** sua apropriação devastadora.

O pensamento moderno define, portanto, o ambiente como a película de cobertura de seres e objetos, como se essa fosse feita de uma outra natureza, exterior, estranha ao mundo que circunda. Contradictoriamente, a despeito de ser conceito de *nós*, o ambiente, assim concebido, *me* pertenceria apenas por ser o *meu* exterior, superfície *minha*, apenas porque *me* tocaria, como se não fosse mais que uma película artificial de cobertura, feita de uma outra natureza que não a *minha*.

Os homens são o seu ambiente

O espelho é feito de uma superfície, constituída de uma face que, inserida na fronteira entre meios óticos,⁵ sinaliza a expressão ou a aparência de algo. Desse modo, o espelho é como uma fronteira que, além de abertura, é a superfície que faz refletir a luz que sobre ela precipita. Frente à superfície/fronteira, os olhos se interrogam sobre o que lhes concede a existência, deixando algo transparecer sem que se mostre por inteiro.

A superfície é feita **da** aparência e do que pode ser compreendido como exterior. A superfície do espelho deixa transparecer o que a luz captura das sombras: o exterior das coisas. É assim que o espelho anuncia a presença de algo, nem que seja a sua *imitação*, ainda que possa ser *invertido*: tal presença é a representação do que se expressa diante **da** luz.

Frente ao espelho, o *eu* não é apenas representação invertida **da** sua exterioridade. Ele reclama pelo olhar ausente, exterior, preferencialmente estrangeiro, vivo na existência do *outro*. Assim, o *eu*, frente ao espelho, reclama pelo *outro*, pelo seu auxílio, como se o *outro*, naquele momento, pudesse mesmo ser transformado na extensão do *eu*: na expectativa de que, no *outro*, residisse a possibilidade de reconhecimento de sua verdadeira e real aparência, forma, superfície.

O *eu*, diante do espelho, é, ainda, a manifestação de uma ansiedade interior, originária de um olhar interior — do qual derivaria uma visão interior. O reflexo interroga os vazios do homem, os seus sertões, o seu interior desconhecido, os seus subterrâneos. Frente ao espelho, o *eu* não se reconhece por inteiro: está inacabado, ali, diante **da** fronteira, passagem e travessia, sem que possa, também, reconhecê-la em sua plenitude.

Ver a si mesmo com os próprios olhos: o desafio histórico direciona luzes aos olhares interiores, às visões interiores, às distorcidas imagens interiores, à natureza do *eu*. Isso significa que o reflexo **da** forma assumida frente ao espelho ainda conduz o *eu* na direção de sua natureza, **da** sua condição. Superfícies são, também, fronteiras. Elas, muitas vezes, invisíveis aos olhos retinicos, apresentando-se sob a forma de películas ou de coberturas translúcidas, são feitas de um conjunto de universos que se atravessam, sugerindo um só conjunto. Ainda assim, o mundo moderno estimula os homens a conceber limites, voltados para dentro, que os impedem de ver além do que a reflexa distorção de si mesmos. Nesse mundo simplificado, não há fronteiras, nem passagens: há rupturas, compartimentos, domínios em que predominam os limites. Nesse limiar, o espelho quase já se transforma na sua própria moldura.

O ambiente é como um *vitral*, *abertura feita* de um jogo caótico e caleidoscópico de espelhos. Abertura complexa de reflexos, o ambiente é como uma superfície plástica que toca a todos por intermédio de um tecido de relações, sob a forma de uma rede caótica, de todos os

tipos. Vitral diáfano, o ambiente é superfície de passagem tomada como invólucro, e, aos nossos olhos, se exercita, como luz, como sombra e escuridão. Como se nos visse, com olhos de espelho, o ambiente é feito dos olhos do homem. Ainda assim, compreendendo-se o ambiente como os olhos do sujeito que vê o ambiente, ele é o outro que carrego no meu interior — o desconhecido, o estrangeiro.

A **cidade** é o lugar dos ambientes contemporâneos, constituídos pela luz, pelos reflexos, pelas imagens de atração e de repulsão. Para a **cidade** tudo converge e dela tudo se propaga. Catalisadora da vida moderna, a **cidade** é, cada vez mais, o ambiente contemporâneo do homem. Mesmo à distância, o homem possui e é possuído pelas imagens da **cidade** que, mais do que qualquer imagem teórica, bem reflete a crítica ao conceito clássico de ambiente. A **cidade** envolve, mas não é apenas invólucro, película de cobertura. A **cidade** é feita de várias **cidades**, de diversos lugares que vão se inserindo nos interstícios do urbano, onde a vida, repleta de relações, se desenvolve.

Entretanto, a **cidade** é a luz feita do *eu* e, também, do outro, a iluminação do conflito, feita do estranhamento e da alteridade. A **cidade** é ambiente do mundo moderno, feito de espelhos, no qual os homens nem sempre se reconhecem. De luzes e de sombras: a **cidade** é, assim, feita de várias **cidades**. É o ambiente, feito dos seres, feito de *nós*, interpretado como o outro que não nos pertence. É vida que interroga. O homem cria a **cidade** e a (re) produz como a vida que, ainda, lhe devolve a imagem reflexa sob a forma de pergunta: de que somos feitos? O homem olha para a **cidade**, para a sua **cidade** possível, para a sua **cidade** real, tal como se põe diante do espelho e, diante da imagem que se reproduz, não se reconhece por inteiro. Reclama pelo *outro*, pela sua extensão, como se nele residisse a possibilidade de compreensão daquele que olha e não vê. Reclama, também, pelo seu interior, fortalecendo a consciência de sua incompletude. Assim, a **cidade**, luz, é também sertão. Também feita de morte, a **cidade** renasce no *eu* que reclama pelo *outro* — que se reconhecem como continuidades conflituosas.

O ambiente é feito do homem, denso na **cidade**, contraditorialmente vazio na **cidade**. Não é, portanto, repleta de saber, a imagem de que somos feitos do que consumimos e do que nos consome? A questão parece encaminhar reflexões que se aproximam da própria interrogação acerca dos valores construídos pela cultura moderna. Os

homens são o que fabricam para si mesmos. Eles são o seu espaço, produto do seu trabalho e resultado do seu consumo — dispêndio do próprio território, derivação do uso que se faz dele. Os homens são o seu ambiente — que se transforma no *outro*, como se esse fosse o seu oponente que não lhe diz respeito. Os homens são as suas próprias películas, pois dessa matéria — que também o consome — ele é feito. Os homens são aquilo que produzem e consomem, além daquilo que os consome. Assim como o espelho é feito dos olhos, o ambiente é feito dos homens: frente ao espelho, os homens se interrogam, incompletos. Inacabados, tomam conhecimento dos seus vazios; envolvidos pelo ambiente, nele não se identificam. O ambiente, sendo o homem, é, também, o *outro*: como se fosse, ele, o ambiente, o sertão da humanidade. Diante do que consome — do que se comprehende pelo universo de valores que cultiva ao longo da trajetória da modernidade —, tendo como referência uma ética que, permanentemente, fabrica um ser estrangeiro dentro de si, o homem exterioriza o ambiente como se dele não fosse feito. Como se, ele próprio, não fosse o que, rotineiramente, produz e consome. Diante do que produz e consome, por intermédio do que faz e no que se transforma, o homem é o ambiente transformado em estrangeiro frente a si mesmo.

O eu e o outro na **cidade**

As definições clássicas de **cidade**, presentes na vasta e rica literatura que aborda as temáticas urbanas, estão repletas de sinais que indicam o significado dessa criação humana. Obra do homem, a **cidade** é, também, o homem que se transforma na sua criação.

Do alto, a **cidade** pode ser vista como um tecido,⁶ cujo cuidadoso bordado parece desmanchar o labirinto e os becos dos interiores urbanos. Do alto, emanam feixes de visão que gravitam em torno de uma perpendicular. Procura-se desenhar a **cidade**, construindo o seu mapa mental, espreitada em uma imagem delicada de recortes que se entrecruzam. Os volumes, as saliências e as curvaturas do desenho urbano, do alto, estão suavemente achatados, como se estivessem

transformados em blocos aplinados de imagem. Há, ainda, uma convergência de cores. Mais do alto, ainda, atravessada por rabiscos quase imaginados, a **cidade** já se transforma em névoa que obstrui transparências. O delicado bordado já é feito de um entrelaçado profuso, derramado através das fronteiras, que mistura cores indefinidas aos olhos do alto.

Bordado aberto, sem fronteiras, a **cidade** interroga a todos — como se a todos pudesse representar em sua indagação. Onde começa a **cidade** sem pórticos? Para onde se destina a **cidade** sem bordas? Indefinidas, no nível do seu terreno, as imprecisões da abertura e do fechamento da **cidade** — sem orlas e sem portais — anunciam a simplicidade e a complexidade da vida. Sem demarcação de extremidades, a **cidade** já é fim antes do seu anúncio, mas, também, já é início bem antes de onde parece começar.⁷ A **cidade** é o fim e o início: ela é o homem. No nível do seu terreno, a **cidade** já não é, apenas, produto do alcance da visão ótica: da sua superfície, em alto relevo, ela já é labirinto, conjunto de becos, de entradas e de saídas, de esconderijos atravessados pelo brilho e pelo fluxo das avenidas. A **cidade** é a passagem do contraditório vazio dos fluxos que atravessam o lugar, nascido para ser encontro, esquina, encruzilhada. É subterrâneo que, das sombras, emerge como superfície sem extremidades. É o espelho do homem, do encontro e do estranhamento, produzido por ele. A **cidade**, criação do homem, é produção que traz os interiores à luz: é o brilho feito da sombra.

A **cidade** concreta, aparentemente de *pura física*, no nível do terreno assume tal condição: a de **cidade** real, como a ela se costuma referir, desenhada pelos olhos retínicos como se destituídos de visões que ultrapassam o olhar.⁸ A **cidade** é interrogada por vários outros olhares. O homem se organiza para produzir e, assim fazendo, produz espaço e os reproduz⁹: os lugares, os ambientes, a **cidade**, os interiores urbanos. Entretanto, é a produção do homem que o transforma, interrogando-o.

A **cidade** é o lugar fabricado para o encontro, para o entretenimento, para a troca. Assim, floresceram as **cidades** ao longo da história, fortalecendo significados. O lugar da troca e da negociação é, também, o lugar da produção. A **cidade**, nesses termos, é *lugar da criação, da fertilização*. O homem cria a **cidade** e, assim fazendo, recria a si mesmo. Lugar da vida moderna, por excelência, a **cidade** é o espaço da arte e da produção: simultânea e contraditoriamente, o lugar da vida é

o da exclusão, dos sonhos frustrados e da marginalidade. Vida e morte se encontram na **cidade** da criação.

A **cidade** é o lugar da praça e do encontro. É o espaço inventado, pelo homem, para a conversa, para o diálogo. Nele, os homens se encontram e se reconhecem. Contraditoriamente, entretanto, é no lugar do encontro, do diálogo, da criação de identidades que se desenvolve o espaço do estranhamento. A **cidade** é, também, portanto, o lugar da alteridade: onde se é *outro*, onde o estranhamento evidencia a condição daquele que não se reconhece no objeto que cria.

Se a **cidade** é o lugar da aproximação, é, também, o da criação das densidades. Espessa e compacta é a **cidade**: ela é a multidão que desafia o homem. Como um denso ambiente de convergências e de dispersões, a **cidade** reúne a complexidade da vida e a inevitabilidade da morte. Feita dessa relação que reproduz a natureza onde pulsa a vida e lateja a exclusão, a **cidade** é densa não apenas porque aproxima as pessoas, mas também porque é complexa e desafia as estruturas convencionais do pensamento que busca a sua compreensão e a leitura dos homens.

A densidade comporta o vazio: ela também é feita de rarefação. Compacta, a **cidade** é desenhada por ambientes vazios, é feita de aparentes corredores vivos de circulação, que, no entanto, são vazios de proximidade. Os lugares são feitos de passagens sem paradas ou encontros, emudecidos pelo simples fluxo — que parece existir por si só, como se não houvesse qualquer razão para a sua constante presença, que, contraditoriamente, ainda fornece vida à **cidade** — como se dele, também, fosse feita a complexidade.

Se a **cidade** é também feita do vazio é, portanto, ainda, a imagem de sertão: é feita de uma matéria estrangeira, dessemelhante, que evoca o conflito. Assim, a **cidade** é constituída de **cidades** por entre as quais atravessam fronteiras: como muro, como transição, como passagem. Se a **cidade** é também feita de sertão, emerge a percepção do *outro*, do estrangeiro, do dessemelhante como oponente que necessita ser derrotado: porque é percebido como estranho (estrangeiro), porque está do *outro* lado ao qual não julga pertencer. Mas o sertão (e os sertões e subterrâneos da **cidade**) é o interior dos homens, o estrangeiro, aquele que é deslocado para a condição de *outro*: como se fosse o oponente que se deseja superar. O *outro* é a **cidade** não reconhecida. Mas é *nele* que reside a possibilidade de diálogo e de conciliação: é o

que permite a existência comum (do *eu* e do *outro*) e o que concede a vida. A estrangeira e contraditória condição dos sertões das (nas) **cidades**: eles são o *outro* em cada indivíduo, o interior que se protege como um deserto, um vazio que se deseja encobrir.

O sertão é o legítimo representante **da** condição estrangeira do próprio *eu* — na **cidade** das multidões, de fluxos e de redes complexas, de tecidos que se aproximam do labirinto dos indivíduos — a que se concede o nome de interior, ao qual se fornece o conceito de vazio e a idéia de deserto. O sertão é sempre o interior de cada um, escondido como um deserto, um constrangimento diante **da** luz — um reflexo que brilha também a partir de cada um, na construção do imaginário que se elabora sobre o urbano, sobre o progresso iluminado que se fabrica e se reproduz como um fragmento perdido de espelho. O homem **da cidade** é um pedaço de deserto, de lugar vazio. A possibilidade de encontro com o seu interior, sertanejo, é a mesma de seu encontro com o seu lugar, aparentemente exterior, mas, sobretudo, um reflexo **da** fração estrangeira que cultiva em si mesmo.

Na **cidade**, o ambiente é o homem: é feito de suas amarguras e sonhos. Na **cidade**, as densas relações entre os indivíduos estimulam o conflito e a contradição, mas, também, a aproximação entre o *eu* e o *outro*. Feita **da** fronteira, que afasta e que aproxima, que desenvolve a aproximação e a exclusão, a **cidade** é, no entanto, a possibilidade **da** conquista e **da** contínua retomada **da** vida: é a alternativa **da** fala que sempre faz renascer o *eu* (no *outro*), sob a referência de uma nova ética que ameaça os vazios interiores e o diálogo triste e silencioso das passagens de neon, que, entrincheiradas, rabiscam a **cidade**.

Por isso, a **cidade** é também litoral, iluminado, lugar visível feito das imagens de sombra do sertão das **cidades**, que se move através de seus interiores e de seus subterrâneos e que constroem os seus vazios. A **cidade** é luz e sombra, *litoral* e *sertão*, progresso iluminado e interior deserto, brilho e opacidade. De luzes e de sombras, a **cidade** é originária dessa matéria híbrida, contraditória, etérea e concreta, de opostos que se misturam, que se rivalizam, que se desafiam e se completam: tal como o som e o ritmo que garantem a sua existência através do silêncio. Do *eu* e do *outro*, de interiores e exterioridades, de subterrâneos e de superfícies, a **cidade** é feita do homem que nela se transforma e, nem sempre, nela se reconhece.

As relações sociais multiplicam a complexidade **da** condição de distanciamento e de aproximação entre o *eu* e o *outro*. Para o *eu*, a própria **cidade** é, quase sempre, o *outro*: de algum modo desenraizado, o *eu* vê, na **cidade**, o *outro* no qual não se reconhece. Mas, é no *outro* que se vê a *si* próprio. Ao se perceber na **cidade**, nela se reconhecendo, o *eu* reconhece em *si* mesmo algo do seu interior. Assim, a **cidade** reproduz a existência e os seus significados: também, por isso, na **cidade** reside a possibilidade **da** vida.

Notas

¹ Muitos movimentos ambientalistas, originários das reflexões que envolvem os significados **da** vida, sempre tiveram, na sua essência, tais alicerces conservadores. Preservar e/ou conservar o ambiente, assim, como processo integrante **da** política ambiental habitual, quase se reduz à preservação e/ou conservação de invólucros, de pelúcias de cobertura como se apenas lá residisse a vida e o seu sentido.

² Uma leitura mais aprofundada dessa discussão é desenvolvida em outro estudo (HISSA, 2002a). Outras obras permitem, ainda, a ampliação **da** reflexão: LEFF (2001); CAPRA (2002).

³ Para uma reflexão sobre **as** limitações do conhecimento disciplinar e **as** possibilidades de intercâmbio entre saberes, ver: HISSA (2002); MORIN (1999).

⁴ Ao longo das últimas décadas, a lógica que estrutura o pensamento científico moderno recebe questionamentos importantes. A obra de SANTOS, B. S. (1994, 2000, 2001) contém elementos fundamentais dessa leitura. Uma interpretação ao estudo de *A crise da razão* está disponível, também, nas obras organizadas por NOVAES (1994, 1996).

⁵ Ver obras de AUMONT (1993) e de JOLY (2003).

⁶ Para uma introdução à reflexão, ver LEFEBVRE (1999), a despeito **da** densidade de toda a sua vasta obra que trata **da** questão: do significado das **cidades**, do tecido urbano, **da** própria urbanização.

⁷ **As** demarcações territoriais, na contemporaneidade, são bem mais complexas. Para uma leitura mais esclarecedora sobre **as** temáticas, envolvendo os lugares, **as** nações, **as** empresas e o processo freqüentemente compreendido como globalização, sugere-se a leitura de SANTOS, M. (2000, 2001).

⁸ Sobre a natureza do olhar, é possível aprofundar discussões importantes para o desenvolvimento **da** presente reflexão. Algumas leituras podem ser apresentadas como possíveis introduções à melhor compreensão **da** problemática, como, por exemplo, a obra de NOVAES (1989).

⁹ O espaço é, por natureza, uma categoria transdisciplinar. **As** disciplinas, por sua vez, contrariando a própria natureza do conceito, multiplicam esforços teóricos com objetivo de fornecer especificidade “ao espaço com o qual trabalham”. Assim, para cada disciplina haveria um espaço lido, conforme **as** lentes disciplinares. A compreensão do espaço solicita do leitor um esforço no sentido de interpretar, conceitualmente, a sua produção e a sua utilização. Para tanto, de modo a iniciar a leitura sobre assunto tão complexo, sugere-se, ainda, a leitura de SANTOS, M. (1978, 1988, 1996).

Referências

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- _____. O ambiente e a reconstrução dos saberes. In: FERREIRA, Yoshiya Nakagawara; MENDONÇA, Francisco de Assis. *Construção do saber urbano ambiental: a caminho da transdisciplinaridade*. Londrina: Humanidades, 2002a. p. 52-71.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- NOVAES, Adauto. (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. (Org.). *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- _____. *Um discurso sobre as ciências*. 12. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia à geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.
- _____. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.